

Editorial¹

*“É a luz do sol que encandeia
Sereia de além mar
Clara como o clarão do dia
Mareja o meu olhar
Olho d'água, beira de rio
Vento, vela a bailar
Barcarola de São Francisco
Me leve para o mar”*

*“Era um domingo de lua
Quando deixei Jatobá
Era quem sabe a esperança
Indo à outro lugar
Barcarola de São Francisco
Velejo agora no mar
Sem leme, mapa ou tesouro
De prata ou luar”*

Barcarola do São Francisco
(Geraldo Azevedo)

Olá, É um prazer estar aqui presenciando este momento. Presente este não apenas no tempo, também, é para o departamento (PPGA-UFPE) e principalmente para nós alunos que teremos a oportunidade de divulgarmos os nossos trabalhos, estando dialogando com diversas produções. Minha presença ultrapassa o poema apresentado com o violão, falarei sobre a criação da REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas organizada pelos discentes, professores, técnicos e muitas pessoas do departamento do PPGA que contribuíram sem nem mesmo saber.

Pensei em muitas formas de começar este texto e começo exatamente colocando a dúvida. Como começar? A dúvida, elemento central na filosofia e também no dia a dia, quem diga na antropologia. Quantos de nós em algum momento duvidamos de algo nas nossas etnografias e criações. A dúvida permeia como o *anthopological blues*, soando acordes de insights. A minha jornada com a REIA começou com a dúvida. Na primeira reunião com os discentes em 2013 foi apresentada a proposta de continuar o trabalho da revista (anteriormente com o projeto APÓS). Eu me perguntava se participaria desta comissão formulada em 2008. Estávamos em 2013 no início do mestrado e outros no doutorado. Com um impulso de afirmação aceitei o desafio junto

¹ O texto foi apresentado na publicação do volume realizado no segundo semestre de 2014 no departamento do PPGA – UFPE.

com alguns amigos que também tiveram a mesma resposta.

Lembro-me das primeiras reuniões. Criação de novo projeto editorial, desenvolvimento da publicação, registrar a plataforma de acesso e mais outras tarefas que vinham desde 2008 até o presente ano.

Subimos no barco da revista dos discentes do PPGA. A princípio a ideia para mim era uma luz tão perto e tão longe, tão forte e tão fraca. Minha visão ofuscava quando pensava no desafio, pois não tínhamos leme, mapa, nem tesouro. O primeiro passo foi olhar ofuscado para o mar e planejar a construção do barco. Os discentes que também se afirmaram e comprometeram estavam indo a reuniões, comunicando-se por e-mail, planejando e elaborando o periódico on-line. Tivemos a ideia de ir ao mar e fizemos o barco.

Nossas remadas em conjunto valeram e continuam a valer o esforço do trabalho. Tivemos que entender o movimento do mar e do que é trabalhar em coletivo. O tempo de continuarmos a dissertação, finalizar o campo, ser artista visual, dividir tarefas, entender os sentimentos e desafios, enfim, o mar e as tempestades. Há uma frase de Epicuro que diz: “Os grandes navegadores devem sua reputação aos temporais e as tempestades”. Este grupo de discentes, são os grandes navegadores dos mares antropológicos da REIA. Penso que o mar nunca se entende por completo, ele se experiencia, seguindo a linha de pensamento turneriano, não como uma mera experiência, como a experiência. Experimentar essa construção é fortalecer o laço com a antropologia, os colegas de sala e professores, continuando a navegar colocando-se na construção do saber com visibilidade e posicionamento. Criar o mapa e o tesouro. O nosso tesouro é um barco que foi construído por muitas pessoas, as quais tenho admiração. Posso citar do grupo de 2008, principalmente, Lucia Helena e Nicole Costa que me comuniquei colhendo informações sobre burocracias, nossos amigos doutorandos Nilvânia e Fernando. O técnico Juvenal com a disponibilidade de contribuir sendo amigo e paciente. A professora Lady Selma que navegou conosco com garra e vontade de conseguirmos lembrando uma deusa mítica de responsabilidade e tolerância. A Carla e Ademilda pela atenção. A todos os professores avaliadores desta edição e das próximas. A moça do serviço de limpeza e os nossos simples cumprimentos de bom-dia. Especialmente, aos amigos Felipe, Juliana e Jamilly e nossa comunicação constante que fazem também parte do florescimento deste presente.

Nosso barco está pronto e agora navega em mares do “cyber espaço virtual” - a internet. Com certeza, a comissão desenvolve mais projetos sobre a produção dos discentes. O barco segue um rumo e ritmo enquanto tem pessoas remando e trabalhando. O início do mapa é traçado neste volume com o intuito de perdurar por muitos anos.

Nossas primeiras remadas nos fizeram ter acesso à produção de amigos. Tesouros do saber. Na primeira edição da REIA temos 4 artigos, 1 resenha, 1 entrevista e 1 ensaio fotográfico. Nosso primeiro artigo - *A experiência da modernidade e o patrimonio cultural da Sandra Martins* - reflete sobre o processo de constituição da noção de patrimônio, aproximando as ideias de Georg Simmel e Walter Benjamin, diante dos processos de transformações no contexto urbano da modernidade. Também sobre patrimônio Rafael Rodrigues problematiza as representações dos espaços urbanos com as políticas desenvolvidas por agentes do poder público e da sociedade civil, usando como material de análise um antigo aeroporto para *zeppelins* construído em 1930.

No campo de religiões, divulgamos o artigo de um grande amigo que faço questão de expressar a minha admiração pela clareza de ideias de Wagner em etnografar e detalhar as recriações no campo ayahuasqueiro. *As lições do aluno Hoasqueiro no Sítio dos Encantos* - trata sobre os ensinamentos do Mestre Gabriel, fundador de uma instituição religiosa (UDV), a qual tem seu conhecimento repassado aos discípulos pelos mestres com recriações, absorvendo uma dinâmica ritualística e entendimento sobre os efeitos psicoativos da substância. Como formula H. Becker em *Outsiders*, uma maneira de se relacionar com técnicas específicas com os estados provocados pelas substâncias, neste caso explanado por Wagner Lira, o êxtase pelo uso da ayahuasca - bebida proveniente da bacia amazônica e usada tradicionalmente por povos indígenas. Também, no campo de religiões, o artigo de Cleonardo Junior trata a perspectiva de gênero baseada nas orações direcionadas aos santos católicos, e os papéis mitológicos destes santos para os fieis. O artigo reflete sobre a oposição de estrutura e agencia, confrontando a ligação que existe entre os dois eixos.

A resenha do livro de Adam Kuper, *A reinvenção da sociedade primitiva* elaborada por Wagner Lira nos faz percorrer a obra destrinchando os 12 capítulos. Refletindo a necessidade que Kuper coloca no antropólogo de rever os conceitos com o

intuito de não se fixar num romantismo ou numa falsa visão.

A entrevista com o prof. José Suñol realizada pela Nilvânia e Nicolle relembra a visita do professor no PPGA e deixa eternamente em nossa revista a lembrança deste momento, da disciplina e do curso realizado.

O ensaio visual de Rafael Acioly no Morro da Conceição, nos faz acompanhar a trajetória dos fiéis, usando o corpo como elemento representativo da fé. As fotos trazem consigo uma caminhada pelas trilhas da fé e sentimentos dos fiéis ao estarem de joelhos “carregando suas cruzes”.

Um dia, assisti uma palestra filmada de Rubem Alves na formatura da Unicamp em 1990, num determinado momento ele falou sobre o jardim. Sobre como construir o jardim transformando o sonho em realidade. O jardim vem do grego *paradeisos* que significa paraíso, especificamente, do pérsico lugar fechado ou cercado. O sonho neste sentido não significava fantasia. Tal explanação realizada pelo grande poeta dizia que todo jardim significava um sonho, a construção murada de um local com flores. Todas as feras estavam do lado de fora, o jardim é um lugar protegido onde apenas as abelhas e as flores e não seres maiores que estes viveriam ali. Eu nunca poderia entender como um jardim fechado poderia ser a construção de um sonho. Viver sem olhar as feras, ou melhor as dificuldades da vida é querer viver apenas na facilidade.

Para construirmos a REIA passamos por várias situações, trabalhamos e continuamos como a música de Chico Buarque “vendo a banda passar”. Construindo nossas conquistas individuais e as coletivas. Tivemos o mesmo sonho, publicar uma revista eletrônica, construir o barco, fazer a banda passar e continuar a construção no departamento do PPGA. Peguem seus instrumentos, dados de campo, análises e experiências. Pois, nossa próxima chamada de artigos tem como chamada uma temática livre. Portanto, desejamos o andamento deste projeto, pois temos uma etapa no PPGA - A Revista de Estudos e Investigações Antropológicas!

Grato.

Miguel Colaço Bittencourt
-Editor científico executivo-